

# Discurso de Posse

*Alberto Nepomuceno de Oliveira*

Senhoras e Senhores.

Estamos no recinto da Academia Cearense de Letras.

Com indizível emoção, ultrapassei, esta noite, os umbrais deste templo da sabedoria para sentar-me ao lado daqueles que encarnam a cultura e as letras de minha terra.

Esta Academia, fundada há um século, acolheu e acolhe o que de mais valioso produziu a Terra Cearense no campo das letras e da ciência.

Nossa academia é composta de 40 cadeiras ocupadas por um número igual de guardiãs que são seus titulares. À frente, ocupando a presidência, a figura talentosa e culta de Artur Eduardo Benevides — príncipe dos poetas cearenses.

Esta instituição tem sido um viveiro de sábios. Dentre os que ocuparam a cadeira 35, a cuja família me associo, faço referência a Tomaz Pompeu de Sousa Brasil, seu patrono e Argos Vasconcelos, meu antecessor.

Tomaz Pompeu de Sousa Brasil, inteligência de escol, marcou sua presença no mundo cultural e científico de nossa terra.

Estrela de primeira grandeza, Tomaz Pompeu emprestou o brilho de seu talento para ornamentar as instituições culturais onde serviu. Cândida Galeno, que posteriormente ocupou sua cadeira, destacava aquela personalidade ímpar, detentora de cultura profunda e erudita. Farias Brito chamou a atenção para sua vasta obra. Dominava todas as ciências e conhecia todas as literaturas. Sem fazer confrontos. Tomaz Pompeu referendava a Academia que ajudou a fundar. Era possuidor de ilustração enciclopédica. Trabalhador infatigável, uma das nossas inteligências mais fecundas. Escreveu sobre todos os assuntos. O talento, o prestígio e o fascínio pessoal que ornamentavam sua personalidade levaram-no a ocupar os mais honrosos cargos: Vice-Presidente da Província, Deputado, Diretor da Faculdade de Direito, Presidente da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará.

No final, renunciou a tudo para entregar-se, totalmente, ao magistério onde se tornará respeitado pela profundidade e exten-

são de seus conhecimentos. Cruz Filho definiu Tomaz Pompeu de Sousa Brasil: “Figura erecta e nobre, conduzia em si a cultura do século”.

Venho suceder a Argos Vasconcelos, um nome escrito na galeria dos intelectuais cearenses. Por longo tempo, ofereceu Argos rica folha de serviço à causa dos pobres, como mordomo da Santa Casa de Misericórdia. Mas sua característica marcante foi a paixão pela História. Lembro-me de sua vasta bagagem intelectual neste domínio, quando a televisão cearense incipiente ensaiava o programa: “O Céu é o Limite”, onde Argos, jovem médico, dava shows de cultura no campo da História da França, sobretudo enfocando sua figura de maior expressão, Napoleão Bonaparte.

Aquele tempo, nosso médico, fazia a população de Fortaleza reunir-se em torno da televisão para ouvi-lo, encantada, nos famosos questionamentos sobre a França, Napoleão e seus marechais. O êxito daquela programação televisiva, levou-o a lançar outras obras literárias como: “Marechais de Napoleão”, “Batalhas de Napoleão” e “Encouraçados e Cruzadores do III Reich”.

Pena que nosso jovem escritor, esperança risonha das letras cearenses, tenha se despedido do nosso convívio em plena floração intelectual, com muito, ainda por produzir. Tombou surpreendendo os que o admiravam. Caiu com as armas na mão. Consumatus in breviter explevit tempora multa.

– Estes dois paladinos, Tomaz e Argos foram gigantes que ocuparam a cadeira que me confiam.

– Quando Isaías (o maior dos profetas) na adolescência foi avisado por Deus que iria ser o profeta dos hebreus o jovem respondeu: Logo eu! Nescio loqui, Domine... Não sei nem falar, Senhor. O mesmo sentimento me domina nesta hora. Ocupar a cadeira 35 eu que não sei falar.

– Tomaz Pompeu e Argos Vasconcelos foram estrelas que brilharam nesta casa, com rara luminosidade. A luz do humanismo que projetaram continua ainda iluminando o mundo em que viveram.

Os astrônomos dizem que grandes estrelas que vemos irradiando claridade no firmamento já se extinguíram há séculos. Tomaz e Argos são, de certo, como aqueles sóis que se acabaram mas permanecem aclarando a terra, com a luz das idéias que lançaram.

Inspirado na palavra luminosa do primeiro e do último ocupantes da cadeira 35, ousou lançar, como acadêmico, minha mensagem de otimismo e de esperança aos que vão construir o mundo do futuro.

## Mensagem aos intelectuais do IIIº milênio

Senhoras e Senhores, na parte mais elevada de Atenas, projeta-se a Acrópole, o coração da Grécia. Os arquitetos da Hélad queriam simbolizar que os gregos eram o cérebro do mundo, espalhando luz para o Universo.

A Academia Cearense de Letras coloca-se no pólo cultural de Fortaleza, na Acrópole da capital cearense. Não é sem razão que esta cidadela do saber aqui esteja plantada.

O mestre de Nazaré, em suas pregações, ensinara: a candeia acesa deve sentar-se sobre o alto para que todos se beneficiem da sua luz.

A Academia Cearense de Letras plantada na vértice deste centro cultural é a candeia de que falava o divino Mestre, irradiando a luz das letras e da cultura cearense.

Nossa Academia é um laboratório onde se manipulam idéias, o campo de batalha, onde se aquartelam os guerreiros do pensamento, ensarilhando as armas das idéias. A força mais poderosa do mundo é a idéia, dizia Pe. Leonel França. São elas que governam os homens. Na estrada por onde passam as idéias, quarenta anos mais tarde, passaram os canhões. Assim pregavam os revolucionários da enciclopédia francesa. As idéias sacodem os homens, agitam a sociedade e constroem a história. A palavra é o casulo da idéia. Esta, sem o adorno e a veste da palavra, não se manifesta, não se projeta, não vive.

A idéia se forma no cérebro e vai buscar a roupagem colorida da imaginação para desfilarem na passarela das letras, feita vedete, seduzindo os apaixonados da arte.

A imaginação empresta sua fantasia para vestir a idéia. A idéia adornada com os enfeites da imaginação sai da potência para o ato, conforme conceituação de Aristóteles. A idéia quando se encarna transforma-se em palavra. Mas, a palavra é mais do que ressonância, do que articulação de vocábulos. A palavra é a comunicação do espírito, tem carga emocional, é mensageira que leva dor ou sorriso, é toque magnético semeando amor ou despertando ódio, plantando a paz ou espalhando a semente da discórdia. Os homens sempre vivem em paz quando se comunicam e viveram em luta quanto deixaram de se comunicar. A palavra tem conteúdo espiritual. Quando o evangelista São João disse: "Et Verbum caro factum est" ele queria afirmar que a palavra, o verbo, a mensagem, Deus se revestiu da matéria e tomou coloração humana.

As palavras concretizam a idéia, formam a frase, as frases são as peças do pensamento que, buriladas pelo escritor, serão as jóias da literatura. A literatura é o universo das idéias.

A inteligência cria os símbolos. Os símbolos dão forma ao pensamento. O literato tangido pela motivação das ilusões e o encanto da fantasia adorna seus símbolos dando movimentação e vida às idéias que cria.

– A palavra é o instrumento da comunicação humana. O ser vivo se comunica pela locução. Todos os seres vivos falam. Tudo na natureza tem sua voz. A música antes de ser grafada no pentagrama, interpretada nos acordes dos instrumentos e modulada na sonoridade da voz humana já fora ensaiada no gorgoejo dos pássaros, no marulhar das águas, no cochilo do vento agitando a umbrela dos coqueiros. A mãe natureza foi a “Escola Maternal” do homem na infância da vida.

A Força da Palavra – visitando as velhas Pirâmides do Egito ouvi do cicerone: “Neste local, o exército francês encontrava-se exausto de tanta vitória, de tantas lutas. Napoleão tomou a palavra e disse: Soldados da França! do alto destas Pirâmides, 40 séculos vos contemplam: “soldats, de la France je suis content de vous...” Em estou orgulhoso de vocês... Com estas palavras seus soldados tomaram novo alento e continuaram lutando, continuaram vencendo.

– No lago de Tiberíades, os pescadores arrastavam suas redes tirando peixe. Jesus se aproximou, chamou os que pescavam e declarou: Abandonem as redes. De agora em diante, farei de vocês pescadores de homens. E aquelas criaturas rudes operaram a maior revolução social da terra. Cristianizaram o mundo.

Ainda: Felipe, rei da Macedônia, sentindo que os homens do seu tempo estavam sem liderança e desarticulados, chamou o mais sábio de então –Aristóteles e recomendou: Eduque meu filho Alexandre e o prepare para conquistar o mundo. Nós sabemos em que deu a orientação do filósofo. O Oriente perdeu a hegemonia da terra, os impérios tombaram no confronto com Alexandre. Mais tarde, o filho de Felipe confessou: devo mais a Aristóteles, que à minha mãe. Esta, apenas me deu a luz dos olhos para eu contemplar as belezas da natureza. Aristóteles, porém, deu-me a luz da inteligência para eu raciocinar e descobrir o imperceptível. Descobrir o imperceptível é como ver e tocar o abstrato. A lógica, com efeito, leva o pensador a sentir o imperceptível, como que tocando o imaterial, visualizando o invisível. O espírito concentra-se, analisa, arma as premissas, monta o sigilismo, reduz e dobra-se às conclusões da lógica.

A fome do Infinito – O raciocínio é a arma do intelectual. O escritor é um artesão que, com seu raciocínio, cria a certeza, descobre a verdade e se dobra diante dela como diante de uma divindade. A verdade, com efeito, é Deus. O trabalho do acadêmico, é assim,

um sacerdócio. Procurar a verdade é dirigir-se a Deus. E Deus é o objetivo supremo da criatura humana.

O Criador, não fez o homem, simplesmente, para girar perdido no espaço cósmico. Deus modelou sua criatura para si, deixou nela a marca de suas impressões digitais, colocou em sua mente uma centelha de vida espiritual voltada para o alto, tornando-se ele próprio – Deus – a finalidade intelectual do homem.

Fugir deste roteiro é desviar-se de uma destinação sobrenatural. Foi o que levou Agostinho de Hipona, depois de deleitar-se nos atrativos do mundo, a exclamar: “Senhor, tu me fizeste para ti... meu coração permaneceu irrequieto sobre a terra enquanto não repousou em ti”.

Deus é a resposta para a procura que angustia o homem. Marty, cardeal da França, pregava: O homem moderno sente dentro de si um grande vazio, a ausência do eterno. A angústia que tortura o homem é a fome do Infinito. E a fome do Infinito só Deus a pode saciar. Deus é o “Infinito concreto”, ensinava o Pe. Leonel França: o Infinito ao qual se acopla o homem.

Na casa grande onde nasci em Pacatuba, a casa mais velha da minha terra – 200 anos –, há um búzio enorme calçando a porta da entrada. Quando pequeno, distraía-me ajustando aquela concha ao ouvido para sentir um ruído vindo de seu bojo. Meu pai explicava: Filho, este sussurro que imita o marulhar das águas é a voz das ondas, é a saudade do mar.

Se a tecnologia pudesse sintonizar o que vai na alma do homem de hoje (tão distanciado de seus objetivos) ouviria, de certo, também um ruído diferente em seu coração – a saudade do Infinito.

O homem no universo – Se o potentíssimo telescópio Palomar fosse montado sobre a mais longínqua entrela, voltado para a terra, o homem não seria percebido pelo olho eletrônico daquela possante máquina. A criatura humana ficaria como se não tivesse margem no planetário imenso do universo. Os meteoros, os planetas, os astros, as estrelas, as galáxias sem fim, espalhadas em belíssima desordem, esmagam a criatura humana não lhe oferecendo espaço no firmamento. No entanto, no confronto com todas estas constelações grandiosas, o pequenino homem se projeta como a maior expressão do cosmo porque dentro dele pulsa e vive uma centelha de vida divina. Tinha razão o filósofo grego, Demócrito, quando afirmava: “*Ántropos estin metron panton*”: O homem é o referencial do universo.

Coroamento da criação, razão de ser do mundo onde vive, ponto de ligação entre o Universo e Deus, a criatura humana fecha o mun-

do da matéria e abre o do espírito. O homem não se explica por si mesmo, o universo só não explica o homem, nem o mundo se explica sem o homem.

Pertencemos ao mundo, mas o mundo não nos basta. O mundo é incapaz de satisfazer o homem e o homem é incapaz de se realizar sem o mundo.

O ser humano pertence ao mundo físico, pertencendo também ao metafísico. É uma cousa e outra, ao mesmo tempo: Matéria e razão. Um astro, entre dois cosmos. É corpo enraizado ao solo e espírito preso ao infinito. Platão dizia: o espírito humano lança suas raízes no infinito. O Infinito é o complemento da vida humana; é a resposta para a procura que inquieta o homem. Foi o que levou o ímpio Alfred de Musset a exclamar: “Malgré moi, l’Infini me tourmente”. Vir de Deus e a Deus retornar é o destino do homem eterno. Tal, sua posição ontológica. Desviá-lo dessa rota, visualizá-lo apenas no seu aspecto temporário é mutilá-lo.

Essa destinação histórica e sobrenatural do homem define seu valor e toda sua grandeza. É o que levou Sófocles a exclamar: “Há muitas cousas maravilhosas, sobre a terra, mas nada é tão maravilhoso quanto homem”.

Essas razões justificam e comprovam a tese que afirma ser o homem a medida de todas as cousas.

Pelo poder maravilhoso de sua inteligência, o homem pensa, planeja, modifica o universo, cria mundos novos, sonha os mistérios da natureza, vasculha o recôncavo dos astros, eleva-se, dialoga com Deus e se diviniza, trazendo, pela graça, o próprio Criador dos mundos para dentro do seu mundo. É a tese da pregação de São Paulo Apóstolo: Deus se fez homem para que o homem se fizesse Deus – Deus factus est homo ut homo fieri Deus... Deus se humanizou para divinizar o homem, transformando-o em tabernáculo da Divindade. A constatação desta presença divina em sua alma levou um místico a exclamar: “Soltei um grito de surpresa quando descobri o que trazia dentro de mim, sem o saber...”

Dentro desta linha de consideração filosófica e teológica, merece destacado o valor da criatura humana.

Grandeza do homem – São contraditórias as opiniões do homem sobre o homem. Para uns, é um ser da natureza, como os outros seres. Para outros, é algo de divino, uma manifestação viva do Ser Infinito. Nada para uns; Deus, para outros.

– Giovanni Papini, na beleza dos contrastes que orna seu estilo, diz: Quando moço escrevi a “Vida de Van Gog”, um gênio que se sentia superior aos homens de seu tempo, a ponto de, na confronta-

ção com os demais, considerar-se Deus. Continua Papini: Na velhice escravo a “História de Cristo” contando a vida de um Deus que quis ser homem. O escritor confronta: Gog, um homem que quis ser Deus; Cristo, um Deus que quis ser homem.

– Nossa criatura é, realmente, uma singular mistura do nada e da Divindade. Ora se isola no egoísmo estreito, ora desfere vôos para as alturas do sacrifício, do heroísmo. Numa palavra: O homem é um misto de grandeza e de miséria. Não é grandeza pura como Deus. Não é miséria extrema como o nada. É grande até nas suas misérias e miserável até nas suas grandezas.

O Criador foi, por demais, pródigo e generoso com sua criatura humana, dotando-a de atributos extraordinários, permitindo-lhe, na marcha do tempo, fazer uma ascensão surpreendente. O homem que escrevia, ontem, seu passado, na face das cavernas, em formas imprecisas, é o mesmo que hoje tenta escrever o seu futuro digitando máquinas que antecipam os mistérios de sua vida, na precisão dos computadores.

Missão do escritor – Aquele que escreve deve converter as sensações em palavras. “Nihil in intellectu quod non fuerit prius in sensu”. Tudo que vai para o intelecto passará primeiro pelos sentidos, ensina Santo Tomaz de Aquino. E toda idéia tende a transformar-se em ato se a imaginação emprestar-lhe colorido e charme para seduzir o movimentar a vontade. Os heróis, os santos não nasceram feitos. Para atingirem o estágio superior que alcançaram houve a ação da vontade e a interferência preponderantemente da imaginação. Daí a importância do homem que escreve. Escrever para sensibilizar; sensibilizar para educar; educar para promover. Aquele que se promove, eleva o mundo.

Smilles, escritor inglês, ensinava “Cultivai um ato, colhereis um hábito; cultivai um hábito, colhereis um caráter; cultivai um caráter, colhereis um destino”. E a imaginação desempenha papel decisivo na condução da vontade, no deflagrar dos atos, na concretização do destino. Cada um constrói seu destino se for bem assessorado pela imaginação. A imaginação governa o homem e direciona sua vida. Não é a verdade e sim a imaginação que nos faz agir. Quando a imaginação e a vontade estão em conflito, vence a imaginação.

O acadêmico é um imortal – A Academia confere a seus membros o título de “imortal” porque seus escritos, suas idéias vão ficar para a posteridade.

O sonho da imortalidade perseguiu sempre a criatura humana.

Fui professor de História Antiga em colégios e Universidades.

Li os clássicos gregos e latinos e pude constatar que, entre as velhas civilizações, o homem sempre ambicionou ser imortal. No Egito, visitei suas monumentais pirâmides, enfrentando os séculos, desafiando os milênios. Com respeito, contemplei os sarcófagos de Ramsés II e de Tutancamon e, junto a seus corpos transformados em múmias, pude ver depósitos de trigo, espécie de “sacolão”, numa linguagem brasileira, que seria o mantimento necessário para o divino Paraó fazer sua travessia para o mundo dos imortais.

– Os gregos ensinavam que seus heróis, após a morte, enfrentariam longa jornada até o rio Stix onde seriam recebidos por um cão – o cachorro cérbero – e entregues aos cuidados do barqueiro Caronte para transportá-los até o mundo dos imortais.

– A mesma crença cultuavam os romanos. Morto o imperador, armava-se gigantesca pira, em praça pública, onde era deitado o corpo do Cesar falecido. Quando as chamas se faziam altas, por trás da fogueira, os serviçais da corte soltavam enorme águia que batendo as asas demandavam as alturas. As vestais do templo então diziam: Lá se vai a alma de um semi-deus procurar espaço na mansão dos imortais.

Éróstrato, no ano 356 a.C., só para se immortalizar, conforme confessou em depoimento, incendiou o templo de Artemis em Efeso.

A crença popular, os historiadores, os poetas, cantavam a imortalidade. Horácio, poeta latino, homenageado pelos contemporâneos que exaltavam a beleza de sua poesia, sentindo que seus versos iriam permanecer no coração do povo, após sua morte, exclamou: Eu não morrerei de todo – “non omnis moriar”.

– Lord Byron, ante a presença da morte, exclamou: “Luz, mais luz ainda”, como quem diz: Vida, mais vida, quero viver mais, muito mais ainda.

Na longa marcha do tempo, vemos, sempre, o sonho da imortalidade embalando a alma da criatura humana.

O acadêmico é um homem de trabalho – Para construir seu nome, permanente esforço foi travado. Bufon dizia: “O gênio é fruto de longa paciência”. A paciência é o primeiro estágio de um grande futuro. Saber esperar é saber vencer. A expectativa traz as promessas do amanhã. O acadêmico tem o poder mágico de, com sua palavra, operar transformações no mundo dos homens. Sua missão é tornar-se missionário da ciência, da arte, do belo e da verdade.

O homem traz no seu íntimo, adormecidas, reservas imensas esperando uma voz de comando para acordar este potencial que Deus plantou dentro dele. Os psicólogos dizem que apenas 8% dos recursos humanos são aproveitados, cultivados, ficando o restante em disponi-



bilidade ociosa ou criminosa. Nietzsche debruçou-se sobre este tema, sondou os refolhos íntimos da criatura e sentiu que tinha poder de mobilizar as reservas guardadas em cada criatura. Ele próprio dissera: “Eu sou uma dinamite, posso provocar explosões e transformar o mundo... Há muitas auroras ainda por nascer...”

Para cumprir sua missão deve o homem de letras fortalecer-se, afeiçoar-se à luta e fazer o trabalho, do sacrifício, um passatempo. Santo Agostinho ensinava: “Ubi amatur non laboratur. Et si laboratur labor amatur” – Traduzindo: Onde se ama não se trabalha, e se se trabalha o trabalho é amado. Se o trabalho é amado, não dá trabalho...

O sofrimento treina o espírito e modela o caráter. É lutando que ascendemos o Tabor das transfigurações.

Neste salão nobre, pleno de tradições e de história, eu me apresento rico de experiências. Muito sofri na vida e vi o sofrimento construindo um homem. Meu pai que morreu centenário, como senhor de engenho, em Pacatuba, começou a vida, pobre, feito um retirante, emigrante para o Norte, a fim de escapar de terrível seca, no século passado, quando perdeu a plantação e o gado. Sofrendo ele cresceu, aprendeu a lutar, venceu. Bendito o sofrimento que enrijece a vontade e constrói os heróis.

Aqui está um homem amadurecido pelo sofrimento, tanguido pelo otimismo, bafejado pela esperança. Venho para aprender, para ajudar. Aquele que foi sempre avesso às vaidades, assume a “cadeira 35” da Academia Cearense de Letras envaidecido com o título que lhe conferem.

Depois destas considerações sobre a força da palavra, o poder da idéia, a grandeza do homem, a necessidade do Infinito, o valor do trabalho, a missão do escritor, podemos concluir que os homens precisam do diálogo para construir a paz. Precisam de Deus para edificar uma sociedade humana. Os conflitos se deram quando as nações não dialogaram. O diálogo é o clima do amor.

O século XX viu, estarrecido, a concretização das idéias pagãs de Hegel, Engels, Kant, Marx. Essas idéias filosóficas e materialistas foram responsáveis pela exploração de duas grandes guerras que incendiaram o mundo. No final do milênio estamos diante de um cenário diferente: a implosão do que sobrou daquilo que foi construído sem Deus.

O atual papa, ferido, mas com o coração de jovem, sobraçando o fardo que o Mestre confiara a Pedro, de branco como uma bandeira de paz, pisa os escombros das implosões, pregando sobre um mundo a ser construído com Deus.

O século XXI não repetirá os erros do século XX.

Senhoras e Senhores, estas são as idéias que vão ser vividas no milênio que se aproxima. Os homens sentiram a inutilidade e a brutalidade da guerra. Sentiram que o ódio destrói e que o amor é a força que pode reconstruir o mundo.

Longa foi a caminhada empreendida da caverna dos primatas às mansões sofisticadas do século XX. Do troglodita ao cosmonauta registrou-se surpreendente evolução. Transformação nos hábitos, nos ideais, no espírito. Três fases marcam e definem a evolução do comportamento humano. A dos bárbaros e sua carta magna foi a vingança; a dos homens filósofos e sua carta magna foi a justiça rigorosa; a dos homens cristãos e sua carta magna é o amor.

Cristo veio à terra trazendo uma mensagem de amor e Ele fracassaria se essa missão não fosse implantada, não fosse vivida. O próprio homem é chamado para ser o engenheiro deste mundo em permanente atualização. Deus precisa da parceria da criatura humana para tocar a obra deste aperfeiçoamento constante. O mundo cristão é um “cosmos in fieri” que se transforma toda vez que me renovo. O bem que faço aos outros é a mim mesmo que faço. Aquele que se eleva eleva o próprio mundo.

Os acadêmicos, os pais, os pensadores, os missionários, os que escrevem, os mestres são os arquitetos responsáveis pela construção da civilização do amor que tem início neste dealbar do IIIº milênio.

Os pregadores da paz contemplam, com sorriso, o tambor dos muros que simbolizavam o ódio. Ruíram as muralhas de Berlim. Os regimes que se estruturavam em sistemas ditatoriais e desumanos faliram. Os inimigos que se destruíam ontem, hoje se dão as mãos. Assim, na Irlanda, no Oriente entre judeus e árabes, no coração da Europa; por toda parte. Existem ainda guerras, diversas, brutais. Mas há uma marcha lenta, sólida, vitoriosa.

Muitos dos terroristas de ontem, hoje, são diplomatas dialogando a paz.

João Paulo II, Tereza de Calcutá, o Bispo Desmond da África do Sul e tantos outros são os novos missionários de Cristo pregando a paz e o amor no mundo, como diz o jornalista Ivanildo Pinheiro.

O atual Papa vem de lançar um livro sobre o papel vital da Igreja no mundo de hoje. Sua palavra é uma clarinada e uma mensagem de esperança.

Senhoras e Senhores, os intelectuais têm a nobre missão de lançar a semente do amor entre os povos. – Os anos que se fazem

anunciar abrirão o milênio da confraternização e do diálogo. Nossa missão é pregar o amor e vivê-lo para consolidar a paz no mundo.

No Museu do Louvre, conheci um quadro famoso retratado no bronze: – Inácio de Tiana, de pé, braço levantado, a mão aberta, no gesto de quem arremessa e um feixe de folhas de pergaminhos, lançados para cima, suspensos, dançando no espaço. Inácio aponta aquelas folhas tangidas pelo vento e diz: são as minhas idéias que se vão pelo mundo procurando agasalho no coração do povo.

Senhoras e Senhores, o que proferi nesta noite são minhas idéias, as lições que me ensinaram, o que o bom Deus plantou dentro de mim, o que aprendi nas avenidas do mundo por onde andei, e que nesta hora são lançadas procurando ninho no coração dos homens.